

Alerta contra tumores na boca

28/07/2009
Correio Braziliense

Brasil é o 4º país do mundo com maior incidência dos chamados cânceres da cavidade oral, que abrange lábios, gengivas, língua, céu e assoalho

Pouco conhecido entre a população brasileira e nem sempre reconhecido por clínicos gerais e otorrinos, o câncer bucal tem feito cada dia mais vítimas no país. A doença é considerada por alguns especialistas um sério problema de saúde pública. A Agência Internacional para Pesquisas do Câncer (Iarc) alerta que o Brasil é a 4ª nação do mundo com maior incidência desse tipo de tumor, ficando atrás apenas do Paquistão, da Índia e da França.

A medicina considera como câncer bucal os tumores de lábio, gengiva, língua, céu e assoalho da boca. O diagnóstico não é difícil e pode ser feito por dentistas ou médicos, mas a maioria dos pacientes chega aos oncologistas e cirurgiões de cabeça e pescoço quando o mal está em estágio avançado. Fumo, álcool e descuido com a saúde bucal são os principais fatores que levam à doença. Os homens são os mais atingidos pela neoplasia. Entre eles, a incidência pode chegar a quase 20 casos para cada 100 mil habitantes em algumas regiões do Brasil, afetando principalmente aqueles de classes sociais menos privilegiadas e que normalmente têm pouco acesso aos serviços médicos.

O oncologista chefe da seção de cabeça e pescoço do Instituto Nacional de Câncer (Inca), Fernando Luiz Dias, explica que quando os tumores são identificados em fase inicial, a possibilidade de cura alcança os 90%. Infelizmente, poucas vítimas do câncer de boca têm oportunidade de tratar o problema nessa fase. Oito em cada 10 pacientes que apresentam a doença em estágio avançado passaram previamente pelas mãos de médicos incapazes de identificá-la, lamenta.

Feridas que não regridem com tratamentos simples, perda de sensibilidade, manchas brancas ou vermelhas na boca, dificuldade em mover a língua e mau hálito persistente são alguns dos sintomas do câncer bucal. As manifestações são evidentes, mas as pessoas costumam ignorar os perigos e danos que uma lesão na boca pode causar. Além disso, temos carência de serviços especializados em cabeça e pescoço no Brasil, observa Dias.

Cansaço

A dona de casa Vilcelina Abadia Faria, 52 anos, consultou quatro médicos antes de ter o diagnóstico do câncer de língua confirmado. Moro em Manaus, onde consultei um otorrino, um clínico geral, um dentista e um gastroenterologista, que sequer suspeitaram do câncer, desabafa. Cansada de tratar a lesão na língua com remédios para afta, que não resolviam o problema, a paciente buscou atendimento em Brasília. Sentia muita dor no local da ferida. Um dentista diagnosticou o tumor e me aconselhou a fazer a cirurgia em São Paulo. O meu caso exigia um cirurgião plástico especialista em língua, disponível somente na capital paulista. Acredito que me curei porque tive condições de recorrer a profissionais especializados, avalia Vilcelina.

Além do cigarro e da falta de higiene bucal, a doença pode ser desencadeada pelo uso de próteses dentárias mal adaptadas, que machucam cronicamente a mucosa da boca. Alimentação rica em calorias e pobre em frutas e vegetais, dentes danificados ou placas bacterianas e exposição frequente dos lábios ao sol também são fatores de risco. A associação do fumo e álcool potencializa as chances de desenvolver o câncer de boca. Cerca de 80% dos pacientes são fumantes e consumidores de álcool. Infelizmente, as autoridades sanitárias e da área de saúde não dão a devida atenção ao câncer bucal. A demora no diagnóstico resulta em maior custo do tratamento, maior ausência ao trabalho, aumento de aposentadorias e grande índice de mortalidade, alerta o dentista Frederico Salles, profissional que diagnosticou o câncer de Vilcelina.

Multidisciplinar

Diretor do Departamento de Cirurgia de Cabeça e Pescoço do Hospital A. C. Camargo, em São Paulo, o oncologista Luiz Paulo Kowalski explica que o tratamento é multidisciplinar. Tumores em estágio inicial são retirados com cirurgia. Para as lesões médias e avançadas, se faz necessário complementar o procedimento cirúrgico com radio e quimioterapia. Em muitos casos, é fundamental que fonoaudiólogos, psicólogos e fisioterapeutas integrem a equipe, diz o médico.

Atento à evolução da doença no Brasil e no mundo, e baseado em pesquisas realizadas em diversos países, Kowalsky faz um alerta: enxaguantes bucais usados com frequência sem prescrição médica favorecem o desenvolvimento do câncer oral. Algumas marcas do produto chegam a ter 26% de álcool. Isoladamente, o álcool não é um agente causador da doença, mas uma enzima do nosso organismo o transforma em uma substância que altera as células da boca e causa tumores. Quem puder, deve optar por enxaguantes sem álcool, aconselha o oncologista.